

Protocolo de Identificação do Entrevistado 03

Baseado em Triviños A. (2007:158)

- | |
|--|
| <p>01. Instituição: Faculdade de Motricidade Humana/Universidade Técnica de Lisboa</p> <p>02. Pesquisa: RITUAIS TRADICIONAIS COREOGRÁFICOS: a tradição dos povos do grupo central de ilhas.</p> <p>03. Orientadora: Margarida Moura</p> <p>04. Investigador: Flávio Antônio de Azeredo</p> <p>05. Informante: Manuel Goulart Serpa</p> <p>06. Profissão/Estatuto: professor</p> <p>07. Tipo de investigação: Entrevista aberta com observação livre</p> <p>08. Material utilizado: Filmadora, câmera fotográfica e bloco de anotações.</p> <p>09. Local: R. Vasco da Gama, 9950 – Madalena do Pico – Açores – Portugal</p> <p>10. Data: 31 de maio de 2007</p> <p>11. Duração: 62 min</p> <p>12. Data da análise da entrevista: 17 de agosto de 2008</p> <p>13. Endosso do informante: 31 de maio de 2007</p> |
|--|

Legenda

- | |
|--|
| <p>I – Investigador</p> <p>*I – Informante</p> <p>_____ Pausa</p> <p>\ - Interrupção</p> |
|--|

Transcrição da entrevista

Informante: Manuel Goulart Serpa

Data: dia 31 de maio de 2007

Local: na Ilha do Pico – Açores – Portugal

I – Então, estamos entrevistando hoje o senhor Manuel Goulart Serpa, aqui da cidade de Madalena do Pico. Seu Manuel, a sua experiência frente ao culto das danças tradicionais, poderia relatar para nós?

*I – Tenho uma experiência de muitos anos, talvez a partir de uma envolvimento muito forte, além dos conhecimentos que tinha como jovem, tenho uma envolvimento direta a partir de mil novecentos e sessenta e sete, portanto quarenta anos.

I – Quarenta anos! Quando jovem você já integrava um grupo folclórico?

*I – Não, não, não integrava. O conhecimento que eu tenho quando jovem, não integrava, pois eu estudei numa, numa área que não me permitia isso, não é, que era um seminário. Mas depois,

quando vim para o Pico, depois dos estudos relacionei-me de imediato, aliás, ajudei a criar um grupo folclórico, o grupo folclórico da Candelária. E portando, isso foi em sessenta e sete, por quarenta anos, portanto, provavelmente. Eu tenho uma envolvimento ininterrupta com grupos folclóricos aqui dessa zona _____ durante quarenta anos, há quarenta anos. Portanto, uma experiência não só em relação com estudos feitos a cada uma das danças, como também com o seu significado. O seu significado em relação ao ambiente natural e sociológico em que vivemos, sobretudo através das letras que de alguma maneira traduzem o que as pessoas faziam, viviam, sentiam e, portanto, acho que é uma experiência interessante, também me permite de alguma maneira _____ interpretar a diferenciação entre o que se passa em uma ilha e na outra ilha. Pelo conhecimento que eu tenho de outras ilhas, que é uma experiência engraçadíssima, ou seja, como é que é mesma, a melodia trazida, vamos lá, há duzentos anos, por marinheiros que aportaram à estas ilhas. Depois com o peso da ilha, a solidão, tudo aquilo que a ilha tinha e que de alguma maneira aumentava. A saída, a Solidão, o ficar na ilha, a carga do isolamento fez com que essas melodias tivessem, aparecessem depois, anos mais tarde com variações, algumas não muito acentuadas, as outras bastante acentuadas, ou seja, houve de fato da parte das pessoas que viveram na ilha, isoladas, uma carga muito forte, de tudo aquilo que é resultado do tempo, da tempestade, da vivência, do mar, de tudo isso e da própria maneira de sentir e de viver das pessoas. Os povoadores vieram pros Açores eram de diferentes lados e, portanto aquilo que ficou uma melodia dá só um exemplo, uma melodia, eles depois naturalmente em relação a essa mesma melodia, interpretaram-na atendendo a toda influência que os envolvia, do ponto de vista geográfico e natural, e também humano, ou seja, as traduziram lá no meio do seu sentido de vivência nestas próprias melodias, então dou já um exemplo que tu conheces bem, que é o Pezinho. O Pezinho do Pico, por exemplo, ou, aliás, o Pezinho dos Açores tem umas variações muito grandes, quer dizer, o Pezinho. Nós sabemos, por exemplo, do Júlio de Andrade, o historiador garante através do cancionário de César Neves que o Pezinho foi trazido por marinheiros que vinham aos Açores, sobretudo trazer sal. Naquela altura o sal era fundamental... também usado para fazer lastro nos navios...

I – Certo!

*I – Portanto, esse pezinho é uma atração que vem do Pico, no Faial é muito parecido, mas já tem variantes, as Flores ainda tem mais acentuada, ou seja, a distância do mar permitiu que a mesma melodia tivesse de fato interpretações diferentes. E agora a temática, digamos assim da letra fosse sempre o mar, o remar, o interceder, interceder a Nossa Senhora, aos anjos, mas ali já há diferenças matizes que própria, é natural na própria ilha, a pessoa isolada na ilha durante anos foi criando também. Também tem uma parte dela, criou, criou e depois introduz isto na vivência folclórica, na vivência dos ritos e da dança tradicional.

I – E as ocasiões em que era dançado, o Pezinho, por exemplo, tem uma ocasião específica em que era dançado na Antiguidade?

*I – Tinha, o Pico tem, o Pico tem, o Pico é um caso a parte. Eu digo não por estar no Pico! O Pico é um caso a parte em relação a essas danças, por que o Pico tem, teve uma situação, aliás, eu já tive um trabalho sobre isso, que, que apresentei durante vários anos, mesmo tempo do Duarte Mendes, com o Serviço Social da Folga, ou qualquer coisa desse gênero. O Serviço Social da Folga de pessoas que vieram no princípio na Terceira só e tal. No outro, do atual programa é A Procura das Raízes, portanto era o serviço social da folga, ou seja, no Pico havia a tradição de se fazer sempre, sobre tudo no inverno, a folga. E o que era a Folga? A Folga não era mais do que juntar, é um espaço com conjunto musical, é um baile, com bailadores no salão, um baile com cordas, mas sem cordas elétricas. Antigamente fazia-se no Pico, em casas especiais, ou seja, a melhor casa da freguesia, não é verdade, ou então uma loja que tivesse alguma dimensão, muitas vezes casas de milho, com as maçarocas de milho por cima do teto, estava a maçaroca de milho ainda. Portanto as pessoas juntavam-se para bailar, para bailar e chamavam de Folgas. Fulano de tal, fulano de tal teria dado, e ele, e ele próprio teria feito como hoje a sociedade faz com um conjunto, uma festa. Ele, ele próprio, queria fazer uma Folga, convidava uns bons tocadoras... A Folga sempre tinha, tinha digamos assim, permitia uma roupa melhor, para meninas. A rapariga que pegou um pouco de namoro, cá, portanto muitas vezes iam quilômetros a pé à noite para ir ver a amada ou amado. E, portanto, isso era habitual. Habitual andar no caminho da noite com uma luz de petróleo e depois ir lá nessa casa da Folga, ou nessa sala de Folga bailavam e até quase todos iam ao ritual dos melhores bailes, como no princípio com uma, uma, uma rabeca, na época de viola, sempre a viola do Pico, a viola era fundamental. E diz os historiadores no século passado juntavam os casais do Pico e uma viola, a caso é aquela viola da Chamarrita. A viola fazia parte da vida dos casais. Era uma herança de pai para filho, quando o pai morria, o filho mais velho recebia a viola... | Estou me alongando?

I – Não, ta tranqüilo, to gostando, ta bem no foco.

*I – E, nas casas, as mulheres quando faziam à cama... era tradição colocar a viola sobre o travesseiro, sobre a cama. A viola era preciosa e aponta-se aqui no Pico e temos alguns livros que comprovam como se destaca o valor dessa viola. Quando havia tristeza, morte ou luto, eles enfiavam a viola no teto. A viola é que simbolizava a alegria e, portanto, quando havia alguma tragédia, alguma coisa, a viola era arrumada até que houvesse recuperação. O filho ia imigrado para o Brasil, por exemplo, dou só um exemplo, o pai triste, a viola parava. Quando ele voltava tira essa viola cheia de teia de aranha e a viola vibrava a toda cor de que era sinal de alegria. Portanto, esse, esse sitio, esse movimento é um movimento fantástico, porque, naquela sala, as pessoas mais, um pouco mais abastadas convidavam uns tocadores de fora, um bom tocador para vir cantar, e cantava-se e atirava-se cantigas ao desafio. Às vezes algumas traduzindo o que se passavam na semana, as pessoas zangavam-se às vezes, por causa dessas cantigas...

I – Ta certo.

*I – E, portanto, isso era, era um momento interessante. Havia uma roda onde as raparigas sentavam, todas e depois eram tiradas, não é, sabe como é? Tiradas para bailar. Estavam

sentadas, normalmente em banco de ossos de baleia e com uma roupa melhor, digamos assim, seria um traje domingueiro, embora o traje domingueiro.

I – Certo.

*I – Iam à missa com esse traje, e há tanta coisa para dizer sobre isso. Portanto esse era o momento culminante. Folgas, quer dizer fazer as Folgas, ir as Folgas era um momento culminante. Bom, ainda hoje quero dizer que é uma das coisas que o Pico tem como exceção. Se tu fores, andares por aí e fosses ver ainda os cafés, por exemplo, tu reverias escrito Chamarritas no Vale Verde e hoje estudamos, eles fazem isto também lá na tua terra. Quando o último ano e vão partir por aí a fora, fazem sempre a festa dos finalistas e querem ganhar dinheiro para dar um passeio. Eles fazem, uns poucos estudantes no décimo segundo ano, chamarritas, porque as Chamarritas vão os novos e os velhos e dá mais dinheiro, quer dizer, muitas vezes só com novos a bailar não dá dinheiro...

I – E o baile acontece...

*I – É o baile

I – Os jovens e os velhos...

*I – Os jovens a bailar a Chamarrita, a Chamarrita...

I – A Chamarrita...

*I – A Chamarrita, estou falando da Chamarrita.

I – Sim.

*I – Chamarritas do Vale Verde.

I – Certo.

*I – Promovida por alunos do décimo segundo ano da escola de Caridade... destas festas que vai haver no mês de Setembro nesta zona que tu conheces por ai a fora na beira das vinhas.

I – Certo.

*I – Todas as semanas há uma festa, no cachorro, no cabrito, naquelas zonas a beira mar. Durante a semana, todos os dias bailam a Chamarrita, todos os dias, nas festas naquele local, Chamarritas.

I – Ta certo.

*I – A Chamarrita é um baile, que não é de posse exclusiva dos grupos folclóricos, é do povo. Aqui Chamarrita toda gente baila, aqui é bom que é assim, que é mesmo profundamente popular mas voltando para a Folga. Na Folga havia sempre também um brinde né, naturalmente, naquela altura tinha figos passados e aguardente. Aguardente que era da própria casa da pessoa que fazia. Mas estou falando disso é quando a pessoa organizava, era feito uma festa, por exemplo.

I – Feita de forma artesanal.

*I – Poderia ser feito para uma festa como romaria, havia dias especiais para romaria do Pico, um certo era o dia 22 de setembro que era o dia a seguida da festa de São Mateus, que era o dia do ajuntamento. Toda gente ia para a serra, isso assim. Bailava-se, tudo isso, e para outras ocasiões, Matança de Porco e tudo e Festas do Espírito Santo, etc. Naquela altura, agora, o sentido da folga é muito importante porque permitia concentrar ali do melhor que havia e permitia certa vivência

social um pouco diferente, ou seja, havia dois momentos, talvez importantes numa comunidade a aquela altura, que era a missa e a Folga. Ir à missa com uma roupa melhor... e na folga também, se vestia melhor. Isso era marcante. Eu fiz um trabalho sobre o Sentido Social da Folga, o que significava socialmente, permitia uma vivência melhor, portanto, isso marcou essa ilha e ainda marca, ou seja, o Faial ainda é capaz de fazer isso também, mas só no Faial.

I – Esse trabalho está publicado seu Manoel?

*I – Ele não ta publicado, mas ele ta ainda em casa e também a Direção das Comunidades tem. O João Martins tem isso e pode te passar. Fala com o João Martins, pega isto e ta pronto.

I – Obrigado

*I – Eu fiz isso há vários anos, mas foi no princípio, no princípio então já é antigo, pois já estou nisso envolvido há vários anos. Há mais de vinte anos... isso eram os primeiros que vieram e depois a gente alterou isso para outras coisas, quando passou pra outras ilhas, começou a dar nisso, tudo diferente né. Naquela altura a gente concentrava-se ali, em Angra e, portanto fazia isso. Portanto este Serviço Social da Folga foi importante pro Pico. Há um trabalho a fazer que devia de fato se fazer, que é a recolha das cantigas que cantavam, os vehos sabem, que são as cantigas de desafio.

I – Sim, sim.

*I – Quando tinham mulheres às vezes metiam lá frases grossas ofensivas, sabe como é que era próprio do espírito português vicentino... Portugal tem esse, as histórias de escarne e mal dizer, que foram próprias da nossa história literária, da nossa literatura portuguesa.

I – Certo.

*I – As histórias de escarne e mau dizer, fazer críticas. Isso veio sempre àquele que queria dizer mal, quer dizer, isso era aproveitado na cantiga pra trazer de fora átona.

I – Desabafo.

*I – Era um desabafo, isso tem o seu valor, tem o seu valor. Portanto, isso, isso também é uma experiência que eu tenho destas, destas danças tradicionais, e estou falando fora dos grupos folclóricos, quer dizer do povo.

I – Ta certo.

*I – É do povo, é do povo...

I – Ta certo, ta certo.

*I – Naturalmente que nestas Folgas bailavam-se os bailes que os grupos folclóricos recuperaram e bailavam-se em uma certa ordem, por exemplo, o Sapateia de Cadeia também é um baile muito importante, porque é um baile onde os grandes bailadores gostavam de bailar, sabiam que muitas voltas, tem muitas voltas no Sapateia de cadeia, não ta no DVD mas está no CD.

I – Ta certo.

*I – Gostavam de fato de bailar, gostavam. Tinham orgulho a bailar o Sapateia também bailavam a Chamarrita. Mas, _____ os outros bailes, depois, que nós recuperamos, foi das pessoas que, que

bailaram nas folgas, bailavam nas folgas. Obtinham certa ordem... Depois eram brindados, havia massa sovada e “rosquilhas”.

I – A primeira dança costumava a ser qual nessas folgas?

*I – A primeira dança era a Chamarrita.

I – A Chamarrita. Ta certo!

*I – É!

I – E a Sapateia_____ na Ilha Terceira, geralmente, eram uma dança de encerramento...

*I – Encerra os bailhos de roda.

I – Ah, também|

*I – Iam-se bailar muitas coisas, no Vale da ilha não bailavam, bailavam outras que cada um tinha uma maneira. Nosso CD tem recolhidas vinte duas ou vinte e uma, vinte uma, vinte uma, vinte um bailhos ou mais, não é. Portanto isto bailava-se com influência daqui e dali, portanto isso era uma alegria, mas ainda lembro quando era pequeno, era uma alegria, as pessoas vinham pelo caminho com uma candeia a iluminar seus passos, e lembro-me que pai ia naquelas Folgas cheias de alegria, e uma Folga é como ir hoje a um, a um concerto _____ da Fafa, por exemplo.

I – Em relação à Matança do Porco, aqui na ilha do Pico, tem alguma tradição? Dançavam também?

*I – Sim, tem, tinha, tinha, tinha, tinha tradição, dançavam...

I – Pode nos descrever sobre isso?

*I – Tinha, tinha, tinha tradição dançada. Tinha tradição “dalguns” destes bailes que aproveitavam a ocasião para isso. E tinha tradição que não era bem um baile, mas era um cantar ao um cantar ao, _____ um cantar ao, como se diz ao dono do porco. Eles iam, as pessoas iam, um grupo de cantares cantando com instrumentos, a casa do senhor, dono da casa e tal, coisas assim de entrada próprias essas cantigas. Cantavam alguma maneira e visitar o _____ o, portanto tinha a tradição do porco que aqui são dois dias, embora tenha com antecedência também, na véspera do dia as pessoas costumam de manhã, matar o porco de manhã e primeiro pra encher meio dia, essa é uma tradição de sempre.

I – Certo.

*I – Sempre, pra encher depois à noite, os bofes e os miúdos do porco e no outro dia a carne, que é cortada e a cabeça do porco em sopa de couves. Portanto, no dia à noite tu podias ser convidado pra matança, mas podia ser convidado só para ver o seu porco, era essa a expressão. Não ia pra matança, ia só a noite ver o porco. As pessoas só iam convidadas para ver o porco, naturalmente que iam comer naquela refeição. E então, era nesse dia de ver o porco, à noite, que juntavam e havia tocadores que iam cantarem às morcelas e ao dono do porco e ao dono da casa, ia lá, abre a porta, tal e tal. Comiam, brindavam e havia essa tradição.

I – E dançavam também|

*I – Dançavam, mas não era esse grupo não, dançavam era nos intervalos da matança. Como a matança era feita para os dois...

I – Certo |

*I – E depois, não querem nada disto agora e depois à pessoa mata depressa que é para despachar. Antigamente, por exemplo, como tinha muita gente a ajudar, um porco matava-se até o meio dia era pendurado e naquela etapa não faziam mais nada. As mulheres já arranjavam as morcelas e os homens jogavam a carta, tas compreendendo e neste mesmo lugar bailavam e nesse baile, bailavam. Portanto, que era festa né e não tinha nada.

I – Certo certo.

*I – Só o porco era picado, ou seja, era cortado no outro dia.

I – Ta certo. E eles bailavam o senhor pode...

*I – Bailavam vários deles, sobre tudo a Chamarrita foi sempre à marca fundamental.

I – Ah, a Chamarrita fazia parte também desse baile!

*I – Sim, sim.

I – Era um baile...

*I – Era propriamente. As matanças do porco mais específico não conhecendo, aqui no Pico, claro.

I – Certo

*I – Eu conheço é os grupos de cantares na Matança do Porco.

I – Certo.

*I – Aqueles que iam ver o porco e saudar o dono da casa, é a espera de em contrapartida que era beber uns copos e comer qualquer coisa.

I – E tinha uma ocasião do ano específica para essas carneações ou elas|

*I – Isso era feito isso era feito, não, isso era só feito mais ou menos no dia da Matança do Porco, mais ou menos do princípio de dezembro até o carnaval.

I – Ah é, nas épocas de inverno!

*I – É, é.

I – Até pra conservação da carne, e tudo|

*I – É, na época de inverno.

I – Como é conservada a carne seu Manoel? Como eles conservavam a carne de porco?

*I – Era salgada.

I – Toda salgada?

*I – Toda salgada.

I – Ta certo.

*I – Toda salgada.

I – É que já me falaram também que...

*I – Derretiam a gordura.

I – É isso.

*I – Fervia a gordura, a graxa, como chamavam não é. Faziam latas de graxa que serviam pro ano inteiro.

I – Certo.

*I – Portanto não, não usavam o azeite. Era a banha de porco.

I – A banha de porco.

*I – A banha de porco, a banha de porco.

I – Ah, ta certo, obrigado.

*I – Portanto faziam à banha do porco, o porco era tudo o que era possível derreter para fazer a banha e naturalmente, depois a outra parte era salgada, a carne, salgada _____ e depois comiam durante o ano todo, aquelas carnes com couves e com a carne de porco.

I – Ta certo, e ela era mantida então|

*I – Em salgadeiras

I – Ta certo. No sentido de rituais, o senhor conhece algum correlacionado com as danças tradicionais, pra além desses que nós já falamos das Chamarritas e da carneação de porco? Que eles usavam as danças...

*I - _____ De rituais, portanto em que sentido?

I – Que faziam antes de dançar, assim, nas danças tradicionais, ou que tem alguma dança que nasceu numa ocasião dessas?

*I – Tem, tem, por exemplo, eu tenho. Tem, tem algumas danças, por exemplo, ainda hoje aqui nos Açores _____ se baila, no dia do Espírito Santo (é preciso não esquecer que o Espírito Santo era o maior culto cultural dos açorianos).

I – Sei certo.

*I – Para alma é lógico que, o Pico, por exemplo, tem dezessete freguesias e tem dezessete impérios, ou seja, não há nenhum lugar da região, não há nenhuma freguesia dessa região, nenhum lugar da freguesia que não faça uma Festa do Espírito Santo, é impressionante. Há uma freguesia aqui da Candelária, mas tem um Monte e a Candelária. O Monte é o povoado, mas as pessoas fazem o Espírito Santo... fazem à festa do Espírito Santo, ou seja, não é só na freguesia, os próprios lugares também fazem _____ portanto é um ato cultural, é uma, uma dimensão incalculável. Portanto diante do Espírito Santo, ou seja, o Espírito Santo também tem a parte profana, tu sabes bem, ou seja, isso é normal. Agente que estuda história de Igreja sabe que a Igreja impôs nos seus rituais e nos seus ritos tudo o que a sociedade civil tinha o Renascentismo impôs o Renascentismo... não só na arte, mas também das próprias vestes e também naturalmente, o profano, digamos assim, animação profana, teria que naturalmente entrar numa festa que era uma festa fundamental. Antigamente só pro Espírito Santo é que se comprava roupa fina, que é que se estreava a roupa. Comprava sapatos pro Espírito Santo (essa expressão era usada: comprar os sapatinhos para o Espírito Santo). Comprava uma camisa pro Espírito Santo, comprava um fato pro Espírito Santo. O Espírito Santo é que era a marca. Lembra do que era o namoro, a Folga, a marca, metade dos casamentos foram feitos, os namoros foram feitos ali, mas antigamente nas Festas do Espírito, usavam uns vestidos bonitos.

I – Certo certo.

*I – Às vezes roupa vinha da América, sabe como é, consertada, uma rapariga com um vestido lindo, isto é, isso era uma coisa, uma coisa própria, isso era própria. E, portanto, diante do Espírito Santo aqui além do terço, que tu já ouviste falar em alguns terços.

I – Sim, pude registrar alguns agora...

*I – Terços cantados, “parã, parã, parã”. Diante do Espírito, além dos foliões hoje ainda existem. Foliavam mesmo, pichavam e tal e, portanto, há bailhos que eram feitos diante do altar do Espírito Santo, rituais que eram feitos diante do altar do Espírito Santo.

I – Poderia descrever seu Manuel?

*I – As vacas, por exemplo, ainda hoje nas Flores (aqui no Pico não se faz isto), se canta, se cantavam o baile, as vacas diante do Espírito Santo, porque era homenagem a carne, homenagem ao animal que tinha proporcionado à carne e de certeza absoluta, é um baile que a gente também e baila a gente não baila diante do Espírito Santo, mas sabemos que as suas origens eram precisamente para louvar o Espírito Santo. E o que se compreende, precisamente por ser um animal que permitia a fartura e a abundância da carne do Espírito Santo, que é essencial na festa.

I – Como é que era? Poderia se aprofundar, fala um pouquinho mais dele, desse ritual?

*I – Sim, isso era assim, como sabes. Não sei se já fostes a algum almoço do Espírito Santo.

I – Fui. Também, eu conheço.

*I – Tem a coroa, tem a coroa...

I – Certo.

*I – Enfeitada e tal. E, portanto, diante da coroa, diante da coroa do Espírito Santo esses grupos faziam, saudavam e fazia essa manifestação, esse ritual. Hoje tem esses foliões e tal...

I – Certo.

*I – Tal e tal. Mas por exemplo, o São Miguel, e o Pico também tem, há foliões que estão equipados a rigor, com vestes vermelhas e tal e cantavam diante da coroa do Espírito do Santo e bailava-se, bailava-se, pelo menos esse é um baile que eu tenho certeza absoluta que se bailava diante do Espírito Santo, para homenagear, para, para festejar e homenagear o Espírito Santo.

I – Era um baile com determinado nome ou era|

*I – Esse era o nome, era um baile chamado “As Vacas”.

I – As Vacas, o nome?

*I – As Vacas, As Vacas.

I – Então ta certo. E isso também, em outras ilhas também acontecia?

*I – Acontecia em outras ilhas também, só que deve ter desaparecido do, do, do, também muitas coisas desapareceram, com muitas coisas a fazer e esquecem. As coisas evoluem muitas vezes a gente sente pena e por outro lado não sentem _____ a tradição aqui no Pico obrigava (minha mãe não disse tanto bem), a tradição aqui no Pico obrigava que a saída da missa _____ toda a gente, os povos da freguesia recebessem as sopas do Espírito Santo e o pão, e portanto o Mordomo (Mordomo que leva a coroa do Espírito Santo), sentava-se a uma mesa com os doze mais pobres

da freguesia. Essa parte acabou, sabe por quê? Porque não há pobres, ainda bem. Por exemplo, no Brasil estivemos em São Paulo, aqueles lá, _____ e elas, por exemplo, tinham, faziam isto...

I – Sim, sim, sim.

*I – Nessa parte acabaram todos, acabaram por si, mas são interessantes esses pormenores. Ainda hoje, por exemplo, eu vi esta terça-feira, por exemplo, os foliões com um pau cheio de pão, é uma tradição, com a pomba do Espírito Santo e tal, e sair, quer dizer, a cantar... mas eu lembro, eu tenho a certeza, e tenho, e hoje, por exemplo nas Flores se faz isso. E se fazia isso aqui também, se bailava diante da coroa do Espírito Santo, que era trazer um profano para o sagrado, ou seja, os próprios foliões significam a folia, a alegria em cantar, porque a festa anuncia isso, por exemplo, toda a carga profana, boa, digna e coisa, ia, ia pra o Espírito Santo. Esse é um dos rituais, rituais que se fazem, ainda em dança, e também, também há, mas não era bem uma dança com coreografia, e com música que não tem mais, por exemplo, aqui. Não sei se no Brasil, no Rio Grande do Sul, eu não sei se festejam o dia de Cornos.

I – Não, nem conheço.

*I – O dia vinte e cinco de Abril é o dia de São Marcos, portanto é o dia de Cornos, o que é o guia de Cornos, corno no sentido de _____ mesmo.

I – Sim, pejorativo mesmo.

*I – E então, isso é uma tradição da freguesia, coisa pesada, uma grande cangalha de cornos e iam cantando pras ruas e tudo e ia se ajoelhando e eras coroado, aquele que não fosse ta compreendendo? Era mau sinal.

I – Ah é?

*I – | Tais compreendendo? O que não se ajoelhasse (eu me ajoelhei várias vezes), então tu ajoelha várias vezes o que não ajoelhasse era mau sinal.

I – Ah é?

*I – É, era mau sinal.

I – Era por isso|

*I – Isso naquela, naquelas alturas tinha muita importância, mas hoje, mais corno, menos corno é igual. Naquela altura, sabe como é, numa freguesia fechada, há anos pra trás coisas que pra fazer uma canelada dessa era difícil. A honra do indivíduo coroado não tinha problema carregar uma galhada de cornos na cabeça e cantavam. Eu não tenho noção da coreografia que fazia e tal, mas faziam isso, iam em grupo, apresentavam, é um certo ritual. Daí tu ajoelhava e “pumba”. “Cangado” com a coroa e andava por ali a fora o povo gritava.

I – E quem coroava? Era uma pessoa...

*I – Era, era um grupo... e punham, punham aí nos caminhos várias cangalhas nesse dia, dia de Cornos, isso já tem livros...

I – Me diz uma coisa seu Manuel|

*I – Isso é uma coisa, uma coisa de fato muito habitual aqui, que muito habitual aqui, portanto, isso era sempre no dia vinte e cinco de Abril, aliás, coincidi com a data da libertação.

I – Agora não, não...

*I – Não, não, não, ainda, ainda aparece, ainda parecem umas cangalhas e tal, mas não tem nada a ver com a, com aquela coisa, porque ninguém vai mais nisso. Coroar não.

I – É melhor ficar em casa... O ritual da flor das laranjeiras da Menina de São Jorge...?

*I – Da folha da laranjeira não, não tenho conhecimento.

I – Acho que é da ilha de Santa Maria|

*IP – Sim, creio que sim. Aqui eu não, eu aqui não apanhei isso, não apanhei isso, sei que se canta, canta-se na folia dos foliões.

“A flor da laranjeira, laraiá. A pombinha vai...”.

São coisas do Espírito Santo, e tem a flor da laranjeira, também eles cantam isso nas cantigas, mas não tem propriamente arbítrio para falar.

I – Ta.

*I – Tem coisas que eu também não lembro, mas tem, por exemplo, a marca do Pico a Chamarrita. A Chamarrita em todo Vale em qualquer lugar, em cima do cais, à beira mar, onde havia uma festa. Ainda hoje se pegares uma viola e fores ali, já aparecem à volta para bailar a Chamarrita. Há um certo orgulho de bailar. Já está no sangue.

I - E é uma dança muito alegre realmente que contagia até pra assistir|

*I – Muito alegre muito alegre e um baile mandado e depois, sobretudo, com esses ritmos mais novos ela foi se calar acelerando. No antigo o ritmo era mais lento o ouvido da gente acompanha. O que interessa é que intrinsecamente ele está ali. Portanto é uma coisa fantástica, eu não acreditava em São José da Califórnia com o grupo folclórico do Pico... imagina, eu agora vou pedir, agora vamos bailar a Chamarrita e apareceram vinte e sete pares...

I – Mas olha só!

*I – E o gajo que mandou chorou sempre. Vinte e sete pares bailaram a Chamarrita, ali tirados para o povo.

I – A Chamarrita é uma marca dos Açores mesmo|

*I – É uma marca, é uma marca, é uma marca, é uma marca do Pico. É uma dos Açores, mas, sobretudo do Pico. Porque aqui toda a gente baila... quase toda a gente, é uma marca. Não há assim, habitualmente um baile que toda a gente saiba bailar, ai aqui aquele frenesi pela Chamarrita.

I – Ta certo.

*I – nem toda a gente sabe bailar os Olhos Pretos, nem toda a gente sabe bailar a Charamba e tal, mas aqui Chamarrita toda a gente sabe bailar, quase toda a gente sabe bailar.

I – Interessante.

*I – Eles tem aqui aquele frenesi pela Chamarrita| Eu já dei aí umas pitadas a mais|

I – Não, não, mas ta, ta bem interessante em relação...

*I – Sim.

I – Eu acho que podíamos falar um pouco mais da Chamarrita assim da|

*I – Sim, sim. Posso falar no sentido de ritual...

I – Então o local dos rituais o senhor já me falou e das ocasiões também...

*I – O Pico, no dia vinte e dois de Setembro, foi o dia mais, era o dia mais calmo do Pico. Era o dia a seguir do dia 21 de setembro isso é a comemoração do último grande cataclismo que aconteceu aqui no Pico, porque uma das coisas, por exemplo, que eu estava a ti dizer para a tua, para consolidar aquilo que ouviste, esses dias é o seguinte. É, _____ uma pergunta que tem que ser feita: Por que razão é que os povoadores do Continente é que trouxeram as Festas do Espírito Santo? E por que razões lá fora desapareceram e aqui se mantêm vivas em todos os lugares da imigração da alma Açoriana? Porque a devoção ao Espírito Santo teve sempre acompanhada dos Cataclismos e como aqui os Cataclismos era o pão nosso de cada dia, aumentou, reforçou ao invés de desaparecer, é essa razão e não é outra, e depois com a maioria da mistura, por exemplo, isso é fatal...

I – O povo vive com intensidade|

*I – Foi uma coisa de louco. Mas isso ficou, quer dizer, fenômenos desses, ficaram sempre, portanto o senhor Espírito Santo está ligado ao tremor de terra.

Ó senhor Espírito Santo.

(*breve interrupção)

I – E sobre o Espírito Santo...

*I – Ah, sim. Portanto, isso era, era _____ com os últimos Cataclismos, era em 1725, devorou, devorou não, veio do mar pra dentro e transformou uma parte da ilha, aquela parte de São João, que é um mistério, um mistério no Pico. E as pessoas prometeram que se o fogo não avançasse todos os anos naquele dia, ofereceriam “rosquilhas” a quem lá passasse e até mantêm esta tradição... nos outros dias não tem. E desde esse dia até hoje se mantêm esta tradição, no mesmo dia do ano. E no dia a seguir, que era o grande dia do ajuntamento. O que significava? O gado andava no mato e tal e juntavam todo. Era a maior romaria do Pico, toda a gente ia indo pra cima, pra serra com comidas e bebidas, garrafas de água ardente, angelica e tal, bailavam, bailavam, bailavam muito. Não só, aí não só a Chamarrita, mas outro baile, embora a Chamarrita fosse sempre predominante, a Chamarrita é, _____ eu já fiz aqui alguma festa, que essa festa daqui da Costa numa freguesia pequenina... toda a gente baila, é uma coisa impressionante é uma coisa cultural, quer dizer é uma coisa interessante. Ver o povo de uma localidade, juntar para bailar a Chamarrita.

I – A origem do nome Chamarrita seu Manuel?

*I – Não sei, eu também tenho dúvida, eu também não sei.

I – É.

*I – Outro dia eu vi, li outro dia numa investigação que havia um baile Espanhol do Chimarrão ou Chamarão.

I – Chimarrão faz parte da cultura Gaúcha.

*I – Exato exato. Havia, poderia ter sido influência, mas há muitas pessoas como eu. Quero dizer não há, por exemplo, a certeza. Devia ser por influência, por exemplo, se calhar tem mais lógico

ser por influência de um baile desse tipo trazido por alguém perto, que provavelmente se chamava. Chama a Rita com dizem. Chama a Rita que estava doente e tal. Tava desgostosa com o namorado. Chamarrita, Chamarrita, depois bailava e tal, não sei, dá-me a impressão que foi esse baile, é interessante, ajuntaram nesse baile, no melhor que os outros tinham. Algumas voltas estas a compreender?

I – Certo.

*I – Algumas voltas existem em outros bailes e eles puxaram-na e concentraram, digamos assim as melhores voltas como é um baile mandado e, portanto, aliás, varia de um lado pra um lado. Ela é bonita, tem uma vitalidade, uma coisa para, muito, muito interessante, é uma, é um baile bonito, é um baile bonito.

I – Ela é sempre dançada em roda ou tem outras formações?

*I – Sempre em roda.

I – Sempre em roda.

*I – Sempre em roda.

I – Ta certo. Seu Manuel, o senhor acha que, no folclore, nas danças tradicionais dali do Pico, houve alguma influência da miscigenação, de misturas ou

*I – Sim, é. Houve, houve, isto é assim. Houve porque isto fez-se em algum lugar do passado, isto é estudado. O povoamento de uma ilha bem estudado da pano pra manga, porque as pessoas vieram pra aqui enganadas. Vieram enganadas no sentido de pensar que eram outras coisas. Eles viviam num sistema, como tu sabes de escravatura, não tinham nada, não tinham terra. Os sem terra vocês conhecem bem, não tinha nada e acenavam com terra e eles avançavam logo, mas quando chegaram aqui, num lugar tudo deserto tudo pedra, não era um dos terrenos do sul do Brasil.

I – É uma das ilhas mais rochosas de todas aqui do arquipélago?

*I – Sim, mais rochosa, mais poderosa. Chegaram aqui, e olharam aí pra cima, pra montanha assustadora e ficaram aqui... portanto deve ter sido um desafio do caraça. Depois do desafio comprovado com a imigração não foi possível sair daqui. Portanto, isso no princípio, primeiro, umas tradições que vieram tudo isso, tem sofrido algumas| E depois vieram outras levas, quer dizer, vieram esses povoadores. Mas depois outros que vieram das outras ilhas não tinham pra eles e procuravam o que naquela região tinham. Vieram da Terceira pro Pico... os grandes senhores daqui eram estrangeiros, daqui desta zona, eram Flamengos, eram Flamengos porque eram mais espertos, mais cultos que vieram e dominavam. Isto era só de um cinco ou seis, aí misturou tudo e isto ficou tudo dividido numa mini propriedade, que é muito e depois, se calhar, com as doenças e as pragas e a imigração foram ocupar as terras e ficou tudo habitado. É natural que nessas misturas, como houve a influência dos Flamengos nos bailhos. Esse baile que eu te falei, das vacas, por exemplo, dize, o historiador Júlio Andrade disse isso, os dois bailavam, bailavam as vacas, um baile de influência Flamenga, eles bailavam e levantavam as mãos assim

que era para imitar os cornos das vacas, como se fazia lá na região Flamenga. Portanto, a influência Flamenga é marcante, aliás, há a Freguesia dos Flamengos no Faial por alguma razão.

I – Certo.

*I – Isto era uma influência dessa cultura um pouco mais avançada, tem influenciado muitas coisas e é natural que, por exemplo, e depois mais tarde tenham vindo por outras razões e depois começaram a circular, aí chalupas a velas.

I – Como é que chama?

*I – Chalupas, iates. Chalupas começavam a circular aí... negócios _____ e depois, mais tarde um bocado, a baleiação, também trouxe muito contato com a América, embora isso não esteja não esteja aí, especificamente como resultado nas danças, mas nas veste sim...

I – O grupo de vocês já existe há quantos anos, só pra um parêntese, há quantos anos já existe o grupo folclórico de São Mateus?

*IP – O de São Mateus tem _____ vinte e cinco anos, mas eu já trabalho nos Açores há cinqüenta e tal anos.

I – Ah, é...

*I – As Albarcas, eram feitas primeiro com a pele de baleia...

I – É da família da baleia então?

*I –. Exato. E depois com a pele de porco...

*I – Antes era, era, era difícil... não foi nada fácil. Isso houve, houve misturas e até de ilha pra ilha, de ilha pra ilha, devem ter trazido da Terceira, por exemplo, que tem um folclore completamente diferente, melodicamente o folclore mais rico do mundo, embora dançado é complicado porque é um pouco lento. Nas melodias como os Olhos Negros a Saudade ou a Charamba, é difícil encontrar. Porque eles têm isso e os outros não têm? _____ por influência dos castelhanos. A Terceira faz a maior feira taurina do País, e sabe a loucura que é lá.

I – Sei, sei.

*I – Tem um primo meu do Brasil que levou uma amarrada de touro ai e depois estava sempre inquieto, pra ir à tourada e escorregou e foi para o hospital... era um professor. Depois tava muito triste, porque tinha uma cicatriz e estava a desaparecer. Aquilo era um troféu...

I – Então ao longo do tempo, praticamente já falou, ao longo do tempo|

*I – Sim, sim, ao longo do tempo...

I – Esses rituais essas influências...

*I – E depois também, vieram no princípio, e depois sempre vindo, trazendo coisas, fazendo lá algum comércio com os Açores. Os Açores tiveram o ciclo do pastel, como tu sabes o ciclo da laranja, o ciclo do vinho, o vinho é mais tarde. O ciclo do vinho, o ciclo do vinho era o apogeu da nossa economia e, portanto nisso aí houve influência estrangeira e influência da África. Por exemplo, os bailhos, uma coisa interessante. As ilhas tiveram alguma escravatura (entre aspas). Escravatura não! Mas alguma vassalagem, isso quer dizer, vassalagem que na Madeira o senhor, o São Miguel, os bailes são bailados assim (tronco meio flexionado e se sacudindo). Não se

esqueça disso... no Pico bailavam assim né (tronco estendido)! O baile, digamos assim, traduzia a vivência que era o senhor, o senhor, o respeito do senhor e coisa e tal. Existia em São Miguel ainda hoje ta melhor, porque hoje em dia essa coisa dos senhores... e os nossos bailes, são bailes de cabeça levantada, dá orgulho de bailar...

I – Certo.

*I – Por quê?

I – Que engraçado!

*I – Na Madeira é assim (tronco flexionado). Isso significa a reverência, a reverência.

I – Interessante. Olha por mim essa entrevista hoje poderia durar o dia inteiro. Então, falando em tempo, o senhor poderia precisar assim a zona, se é se, se esses rituais aconteciam mais na zona rural ou na zona urbana, mais ou menos em que tempo assim, anos|

*I – Isto aqui, isto aqui não se podia dividir as zonas porque era tudo rural.

I – Era tudo rural...

*I – É...

I – E os anos mais ou menos assim, isso começa em que meados?

*I – Isto, isto veio, isto veio do princípio com os povoadores, ou seja, isto é natural que os povoadores trouxessem os seus hábitos e costumes, e, portanto, alguns bailes vieram de algumas tradições e rituais, vieram com os povoadores. Se o Espírito Santo veio com os povoadores, tudo que era à moda do Espírito Santo|

I – Isso, quinhentos anos atrás?

*I – Quinhentos anos atrás, sim. Eles trouxeram naturalmente a devoção, as touradas não existiam, mas aqui a trouxeram e naturalmente, a volta do Espírito Santo é um caso único, porque o Espírito Santo como eu já disse a um bocadinho, iam comprar, e eles iam gastar, os sapatos pisavam os pés era uma desgraça, porque há muitos anos terem um sapato novo nos pés era raro e, portanto e era o Espírito Santo, também a carne, também era do Espírito Santo. Um quilo de carne ou dois quilos de carne era pro Espírito Santo. E, portanto, a festa do Espírito Santo significou, acima de tudo, fartura, solidariedade de dar a quem não tem, partilha, portanto, os povos todos eram chamados, imagina lá alegria de um gajo comer carne e pão à vontade, morriam a comer, era naquele dia, naquele dia. Hoje, o Espírito Santo deixa de ter, neste sentido um certo prejuízo, nesse sentido, poder ver, mas aumentou muito em relação à confraternização, ou seja. Coroa-se ai mil pessoas, e toda a gente vai, comem e divertem e vão, to dizer-te uma coisa. Um grupo à volta de cinquenta pessoas numa freguesia, já tem muitos novos embutidos. Muitas coisas vão se acabar, a maioria da juventude não liga a isto. Muitas coisas vão acabar, mas o Espírito Santo não vai isso eu te garanto. Eu já na América cantarem a bezerrada, ai na Terceira também, atrás dos bois que eram para matar.

I – A nossa família ainda, ainda canta os terços. Nossa, nós já estamos então chegando aqui na décima pergunta, é só, essa questão é realmente para deixar a pessoa à vontade pra falar alguma

coisa, talvez eu não tenha nesse roteiro pensado em alguma coisa que o senhor julgue importante pra acrescentar?

*I - _____ Esse trabalho tem muito valor, muito valor porque isto é, digamos assim manter viva uma tradição e a chama do povo. A gente não teria uma coisa destas, precisava, eu estava a dizer-te um bocadinho, eu estive a recolher as cantigas da Chamarrita e a incentivar as pessoas para fazer isto e fazer outras histórias também do passado, ligadas, ligadas à cultura. Isso tem, tem, tem a sua importância, esse trabalho tem muito valor. É claro que, _____ não consegue só num respirar desse dizer tudo agora. A vida, não há dúvida nenhuma que um grupo folclórico transporta com prazer a história de um povo. Quanto mais nós conseguirmos transportar a história de um povo com um grupo, estamos a cumprir melhor a missão, e isso significa que os próprios elementos do grupo têm de entender o que estão a fazer, pra mim é fundamental entender o que estão a fazer. E tem que perceber que mesmo a sua atuação e no, no se traje, já estão a fazer algo que foi feito no passado. E, portanto, tudo aquilo que nós poderemos ir buscar o passado nas reminiscências que existem e transportar, acho que um valor de fato alto. Um valor incalculável. Isso deve ser feito e ser amado pelas pessoas...